



***NAS MINHAS VEIAS ESCORRE O SANGUE HERÓI DO FRACASSO: A  
EXPERIÊNCIA E A NARRATIVA DE SI ENQUANTO POSSIBILIDADE DE  
SOBREVIVÊNCIA DA VIDA QUEER***

***EN MIS VENAS FLUYE LA SANGRE HEROICA DEL FRACASO: LA  
EXPERIENCIA Y LA NARRATIVA DEL YO COMO POSIBILIDAD DE  
SUPERVIVENCIA DE LA VIDA QUEER***

***IN MY VEINS FLOWS THE HERO BLOOD OF FAILURE: THE EXPERIENCE  
AND NARRATIVE OF THE SELF AS A POSSIBILITY OF QUEER LIFE  
SURVIVAL***

*Marluci Meinhart*<sup>1</sup>

*Saraí Patrícia Schmidt*<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo faz a articulação entre a experiência e a narrativa de uma agora adulta, mas antes criança queer, com a produção de outras formas de vida que não aquelas enquadradas pelo cis-hetero-patriarcado. Atentando para a inseparabilidade da produção de conhecimento e da vida, esta escrita é afetada e, portanto, seus objetivos não vão além de (des)produzir incômodo e ruptura. Compreendendo como fundamentais para a produção da vida ferramentas como o fracasso, os encontros, a tristeza e o reconhecimento de si, a escrita tece um diálogo entre vida e morte, complementares e concomitantes. O percurso metodológico intersecciona cartografia e autoetnografia, apontando para a relação entre experiência, narrativa e criação de outras formas de ser e estar no mundo. Em um tom de manifesto, a escrita sinaliza para a relação de reciprocidade entre o ser e o viver, e é uma escrita queer, desestruturada e fracassada, e por isso, potente e viva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida queer. Experiência. Fracasso.

---

<sup>1</sup> Mestra em Processos e Manifestações Culturais. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

## RESUMEN

Este artículo articula la experiencia y narrativa de un ahora adulto, pero antes niño queer, con la producción de otras formas de vida que no se enmarcan en el cis-heteropatriarcado. Atendiendo a la inseparabilidad de la producción de conocimiento y de vida, esta escritura es afectada, y por tanto sus objetivos no van más allá de (des)producir malestar y ruptura. Entendiendo herramientas como el fracaso, los encuentros, la tristeza y el autorreconocimiento como fundamentales para la producción de vida, la escritura teje un diálogo entre la vida y la muerte, complementarias y concomitantes. El camino metodológico cruza la cartografía con una autoetnografía, apuntando a la relación entre experiencia, narrativa y creación de otras formas de estar en el mundo. En tono de manifiesto, esta escritura señala la relación de reciprocidad entre el ser y el vivir, y es una escritura queer, desestructurada y fallida, y por eso mismo, potente y viva.

**PALABRAS-CLAVE:** Vida queer. Experiencia. Falla.

## ABSTRACT

This article articulates the experience and narrative of a now adult, but formerly queer child, with the production of other forms of life that are not framed by cis-heteropatriarchy. Paying attention to the inseparability of the production of knowledge and of life, the latter is affected, and therefore its objectives do not go beyond (un)producing discomfort and rupture. Understanding tools such as failure, encounters, sadness and self-recognition as fundamental for the production of life, writing weaves an dialogue between life and death, complementary and concomitant. The methodological path intersects cartography with an autoethnography, pointing to the relationship between experience, narrative and creation of other ways of being in the world. In a manifesto tone, this writing signals the relationship of reciprocity between being and living, and it is a queer writing, unstructured and failed, and for that very reason, potent and alive.

**KEYWORDS:** Queer life. Experience. Failure.

\* \* \*

## Ode ao fracasso

Há quem diga que nasci fracassada. Há quem diga ui destinada ao fracasso. Há quem diga que optei por fracassar. Há quem diga que Deus quis que eu fracassasse para castigar a minha família. Há quem diga que é este fracasso que vai me levar à salvação. u? Eu acredito que é preciso fracassar com sucesso, e, se eu pudesse ensinar algo a alguém, gostaria de ensinar sobre a importância do fracasso.

Não acredito também que há no fracasso a fórmula para o sucesso, pois não acredito em nenhuma fórmula pronta. Mas acredito, sim, que há no sucesso uma boa dose de fracasso, especialmente quando se entende o sucesso como algo que se dá no percurso, na trilha, nas veredas, e não na chegada. Nesse sentido, percorrer aqui os

trilhos do fracasso é importante, uma vez que busca apontar caminhos para que outras crianças queers possam fracassar com tranquilidade.

A heteronormatividade do sucesso sempre esteve intimamente relacionada à maneira como as relações se teciam e determinavam aqueles e aquelas que seriam bem-sucedidos na escola e, posteriormente, no mercado de trabalho. Fracassar já na infância, enquanto criança que não correspondeu às normativas hegemônicas da feminilidade, foi importante para que insurgissem as possibilidades, mesmo que pequenas, de uma vida não cafetinada.

Eu cresci destinada a fracassar, fracassar espetacularmente, como um projeto de vida que vê no fracasso a única possibilidade de sobrevivência. Mas não romantizemos: fracassar dói, desespera, machuca, e algumas vezes pode até matar. Muitas das crianças para as quais quero escrever e salvar não tiveram seu direito ao fracasso garantido, por isso a importância do sucesso no fracasso. Talvez, se a minha criança não tivesse visto em seu fracasso o rio da vida injetando sua água em outras e novas vertentes, não teria sido possível ver o sol no poente das tardes, das águas que são democráticas e que não têm controle. “E ainda que, indubitavelmente, o fracasso venha acompanhado de uma horda de emoções negativas, tais como decepção, desilusão e desespero, ele também proporciona a oportunidade de usar essas emoções negativas para espetar e fazer furos” (Jack Halberstam, 2020, p. 21).

São as frestas do fracasso que possibilitam a reinvenção da vida e que retiram da heteronormatividade o título de única forma de viver as afetividades e sexualidades. Mas por que uma criança queer, branca e do interior, mesmo depois de se estabilizar no seu próprio fracasso enquanto adulta, encontrar um lugar no mundo, na universidade, na família, nos relacionamentos e no trabalho, ainda insiste em continuar olhando para as crianças queers que precisam do fracasso para se salvarem? É possível que o meu afeto afete alguém, e ainda existem muitas das minhas crianças nas escolas públicas que necessitam do fracasso para se salvarem.

É evidente que o fracasso está mais presente na vida das mulheres, das meninas. Possivelmente, porque foram elas aquelas traçadas com o fio condutor dos marcadores da diferença interseccionados para fracassar várias e várias vezes. Ser mulher é ser fracasso, ser mulher e lésbica é fracassar duas vezes, ser mulher lésbica e negra é fracassar triplamente, ser mulher lésbica negra e transexual é fracassar quatro vezes. Não por acaso, os marcadores que me interseccionam e interseccionaram sempre traçam vivências diferentes a partir dos acontecimentos e afetamentos de uma vida, que se

subjetivam a partir das suas marcas. Assim, não se pode esquecer que “o maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema negro, das lésbicas, de gênero, dos latino-americanos” (Carla Akotirene, 2019, p. 21). Então, são as mulheres e muitas ainda meninas, todas fracassadas, que levam nas costas o fardo de salvar o sucesso dos homens brancos e heterossexuais: “se a mulheridade depender de padrões heterossexuais, então lésbicas não são ‘mulheres’, e se lésbicas não são ‘mulheres’, elas então ficam fora das normas patriarcais e poder recriar um pouco do sentido que há no gênero delas” (Halberstam, 2020, p. 23).

É importante avisar que talvez esta escrita soe um pouco pessimista, pois não entendo que uma ode ao fracasso seja a melhor forma de entender o mundo. Mas a verdade é que, para queers, o fracasso torna-se um modo de vida, uma alteridade. Não temer o fracasso e não propagar o sucesso não significa, contudo, uma posição niilista ou de morte. É aí, e muitas vezes somente aí, neste ponto de torção que pode ser fracassar para salvar-se, que está o amparo para seguir enveredando com esperança pelos muros da escola, pelas professoras, salas de aula, bibliotecas.

Quase nada é irreversível, mas os encontros são. E se pudesse dizer algo à minha criança queer de 1998, eu diria que encontrá-la foi fracassar irreversivelmente. Encontrá-la foi entender que não podemos seguir ensinando e aprendendo em uma escola que não valoriza os nossos fracassos diários. Porque fracassar enquanto eu fiz-me precisar ser a melhor aluna da classe, com as melhores notas, para poder compensar de alguma forma: “a sensação de que devo algo é tão recorrente, ainda que isso já não me impeça de dizer a eles - de novo eles, sempre eles - que não devo” (Jota Mombaça, 2021, p. 30).

E, pasmem, às vezes ainda é assim: eu preciso provar que, por ser lésbica, não deixo de ser uma pesquisadora competente, uma psicóloga respeitada, uma namorada apaixonada ou, algum dia, uma mãe interessante. Aqui, faz-se a importante ressalva de que todas as mulheres e mães também precisam fracassar, e que a idealização de uma maternidade compulsória e correta também aniquila muitos desejos e vidas, mas isso é para outra discussão.

Lembro que, durante a Semana Farroupilha na escola em que estudei, no ensino fundamental, era necessário cantar todos os dias a música “Querência Amada”<sup>3</sup>, uma

---

<sup>3</sup> Canção tradicional gaúcha composta por Teixeira, gravada e regravaada por muitas bandas no Rio Grande do Sul.

canção gauchesca tradicionalista. Não sei se por já me orientar enquanto fracassada, por um ato falho ou simplesmente uma traição gostosa do ouvido, eu sempre ouvi e cantei a seguinte frase: “nas minhas veias escorre o sangue herói do fracasso” – a letra original, para quem não sabe, diz o seguinte: “nas minhas veias escorre o sangue herói dos farrapos”.

Cantei. Cantamos. E cantaremos. Como anuncia Mombaça (2021), viemos para cantar à revelia porque “menos com menos dá mais, e portanto, nossas vidas negativadas se somam e se multiplicam à revelia” (Mombaça, 2021, p. 8). E ainda que o fracasso precise ser primeiro em um plano singular, ele pode ser ainda mais revolucionário quando é possível fracassar com alguém, apoiado em alguém, por alguém. Nesse sentido, é necessário somar os fracassos à revelia para que não acabem com ele. Porque não se pode esquecer: a vida é micropolítica, mas para que todes se salvem, o macro também precisa andar.

### **Encontros fracassados e vagalumes**

Gosto muito de falar dos vagalumes e da sobrevivência deles. Não somente por terem sua própria luz e a produzirem com autonomia e despojamento, mas também porque andam em bando. Nunca se vê um vagalume sozinho; eles sempre estarão juntos porque sabem que, na noite escura, a luz precisa ser mais forte.

Gosto de chamar os encontros que enfrentam comigo o breu da noite de encontros fracassados e de encontros vagalumes, tanto porque não se deixam sozinhos, mas principalmente porque, contra todas as lanternas dos celulares, postes de luz, luzes de led, faróis e piscas-piscas, eles insistem em apostar, para a sua própria sobrevivência e para a sobrevivência dos que andam com eles, na luz que vem do seu próprio fogo, da sua própria combustão, da potência que é queimar-se em si e por si.

Queimar-se pela sua própria existência é algo que só se torna possível para quem é queer: inevitavelmente fracassado. Não consigo pensar em outra forma de machucar-se com a própria existência que não seja nas nossas existências. Acontece que é na queima da existência fracassada, e no fogo feito do fracasso, das dores, das lágrimas, dos não enquadramentos e transgressões, que se chega a um sentido para não morrer: queimar à revelia, em grupo, no coletivo, nas noites em que as luzes de led já não são capazes de clarear a clausura.

“Fogos enfraquecidos ou almas errantes. Não nos espantemos de que o vôo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros

em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções” (Georges Didi-Huberman, 2011, p. 14). Gosto da ideia de que os vagalumes só sobrevivem quando estão no fogo, em chamas, porque acredito na potência do fracasso queer que se afirma aí: está sempre pegando fogo.

Penso que os meus encontros, desde a tenra infância, ensino fundamental, até a graduação, pós, mestrado, relacionamentos, família, amigos, sempre foram encontros que necessitaram do fracasso para efetivamente acontecerem. Naquele sentido de que o encontro somente se dá quando algo acontece ali. Minha primeira amiga no ensino fundamental só virou minha amiga depois que jogou futebol comigo. Aconteceu o encontro. Hoje, sua filha se chama Maria Luisa, para ser chamada de Malu, porque na segunda série ela prometeu que, se um dia tivesse uma filha, se chamaria Malu. Se isso não é um encontro fracasso-vagalume, que se faz em futebol das meninas e filhas Malus na segunda série, o que mais poderia ser?

Encontrar a minha primeira amiga na escola foi como encontrar comigo mesma, na medida em que há também nela um pouco do fracasso que me constitui, e que por isso, e somente por isso, ela aceita estar comigo, jogar futebol e chamar sua filha de Malu. Talvez, ao encontrar Paola, eu tenha encontrado de novo comigo mesma, ou seja, “o encontro consigo mesmo, sobretudo quando ele ocorre fora dos padrões, pode trazer desafios ou tornar impossível seguir sem transformação. É necessário avançar, explorar o desconhecido, desestabilizar as estruturas para chegar, enfim, ao sossego de quem vive com honestidade” (Natália Polessio, 2016, p. 36).

Por isso, afirmo e reafirmo a importância dos encontros fracassados, devires e vagalumes: porque eles costumam dar sentido à existência queer. Encontrar alguém que entenda o fracasso é combustão para a própria queimadura. Naturalmente, eu tive muitos encontros potentes e fracassados durante os meus quase trinta anos queer. E foram eles que me fizeram ser quem sou. Assim, é muito cara a ideia de, neste primeiro capítulo/artigo/corpo, dizer às crianças queers deste país que elas precisam encontrar alguém. Alguém que seja elas mesmas em outras, que também seja fracassada e que entre em combustão coletiva quando necessário. Creio que essa seja uma pista muito importante para que não nos matem.

“É a potência de vida da multidão, no seu misto de inteligência coletiva, de afetação recíproca, de produção de laço, de capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças” (Peter Pelbart, 2008, p. 4). O principal encontro da minha vida ocorreu algumas horas após o meu nascimento: com a minha irmã, Mônica. Também fracassada,

com o fracasso diagnosticado seis meses depois do seu nascimento, baseado no cromossomo vinte e um, que veio triplicado. Minha irmã tem Síndrome de Down<sup>4</sup> e nasceu dezessete anos antes de mim, inaugurando o fracasso vagalume na família. Inclusive: obrigada, mana. Eu fracassei melhor porque vieste antes de mim e avassalaste com fracassos uma família que queria apenas os orgulhos.

Fiz uma tatuagem em homenagem a ela recentemente, com três cromossomos, o número vinte e um e o nome dela. Fui mostrar, feliz por ter registrado na pele o amor que me fez quem eu sou. Mônica não sabe ler, olhou os desenhos no meu antebraço esquerdo e disse: “Que feio!” Obrigada, mana, por insurgir sempre, fracassar sempre e me ajudar a entender que é da combustão vagalume fracassada que somos nós duas as responsáveis pelo mundo.

É nítido que a ancestralidade dos encontros faz urgir as possibilidades dos encontros consigo mesma. Eu não teria caminhado até aqui se não fossem todas as que caminharam antes de mim. E neste percurso, tenho muito carinho também pelas presenças ancestrais que, mesmo em um plano terreno, me mostraram que já estavam abrindo caminho para outras formas de existência. Encontros que implicam não somente a transformação de si, mas também a transformação das instituições. “Como fazer implicar, em cada transição que se anuncia, a ancestralidade das gentes cuja terra foi roubada, como pólen e semente das gentes cuja terra ainda há de ser feita?” (Mombaça, 2021, p. 62).

São tantas e tão importantes: professoras universitárias, colegas de graduação e de trabalho, acadêmicas, autoras, cantoras, escritoras, políticas, militantes, influencers, desinfluencers, mães, corajosas, insurgentes; tantas pessoas que encontrei e que me mostraram que eu não estava sozinha, que me acompanharam no fracasso e acolheram as possibilidades de uma existência não cafetinada. Para não esquecer: enquanto não estivermos sozinhas, não vão nos matar.

Mas ainda há encontros aos quais este trabalho se destina: as pessoas cisgêneras, brancas, magras, dentro da norma patriarcal. Esses encontros me fizeram escrever este trabalho, porque gostaria que tais encontros fizessem alguma coisa com aquilo que escrevo e que o encontro com essa escrita promovesse algum tipo de incômodo. A mim não interessa mais a demonização dos que têm sucesso, mas sim a localização deles na minha vida, na vida das pessoas fracassadas.

---

<sup>4</sup> Condição genética caracterizada pela trissomia do cromossomo 21. A adição de um cromossomo ao corpo humano inaugura novos processos de ver, viver e estar no mundo.



A política do deslocamento, cunhada por Judith Butler (2018), diz que o contato com o outro pode permitir o movimento conjunto: “eu sou, como um corpo, e não apenas pra mim mesma, e nem mesmo primariamente para mim mesma, mas me encontro, em encontrar de todo, constituída e desalojada pelas perspectivas dos outros” (Butler, 2018, p. 86).

Nessa perspectiva, esta escrita também é uma tentativa de encontrar as almas de sucesso, para que, de alguma maneira, seu sucesso possa ser afetado pelo meu fracasso. Não posso negar que tenho alguma esperança disso, mas também não posso ignorar que a dicotomia entre o “nós” e o “eles” permanece sendo a marca deste encontro. No entanto, o movimento e a ação conjunta, ainda segundo Butler (2018), não acontecem na dicotomia, mas no entre, neste espaço de hiato que há nessa relação, capaz ao mesmo tempo de unir, evidenciar, vincular e diferenciar.

Friso aqui que não há a intenção de fechar o vão do entre. Ele sempre existirá. Enquanto houver existências que não necessitam questionar sua própria existência, estaremos marcados e diferenciados. E, ainda que pareça um pouco (ou muito) esperançoso, desejo justamente evidenciar o vão do entre, para que eles, os outros, aqueles que não são iguais a mim, possam, talvez, olhar-se e estranhar-se,

Pesquisar a dor do outro diante dessa proposta não quer dizer homogeneizar-se, significa, em contrapartida, estranhar-se. E colocar a si mesmo em suspenso para poder enxergar uma dinâmica que já foi familiarizada, pois esteve dada desde um primeiro momento. O que se sugere é produzir abstinências que sejam capazes de observar o que só se mostra à normatividade, mas que, devido a uma constância, passava como habitual (Sofia Favero, 2020, p. 15).

Assim, os encontros fracassados e vagalumes são aqueles que, pelo estranhamento da sua própria existência, necessitaram encontrar no outro a possibilidade de uma outra existência, que se dá em conjunto, no conjunto. Aquela que só acontece quando os gêrmens de pulsação da vida, do devir, se encontram e ressignificam as duas vidas que se encontraram, que antes eram umas, mas agora já são outras.



## Manifesto pela tristeza

“É preciso discordar da vida, e para isso existe a tristeza” (Jeferson Tenório, 2013, p. 48). Li essa frase em “O Beijo na Parede”<sup>5</sup> um livro de Jeferson Tenório, autor do célebre “O Avesso da Pele”<sup>6</sup>. A obra conta a história de João, um menino de onze anos que precisa reinventar a vida. Com a morte de sua mãe e seu pai, João, um menino negro, sobrevivente da periferia do Rio de Janeiro e com parte da família morando na periferia de Porto Alegre, precisa sobreviver também ao abandono total. Entre as muitas insurgências necessárias para manter-se vivo, João de vez em quando precisa beijar a parede para sentir-se vivo. E da concretude de uma parede gelada, João extrai a aprendizagem pela pedra, e por um ato de resistência segue em frente com todas as dores que esse choque causa.

Como um verdadeiro escapista de um devir emparedado, o narrador implode os determinismos de um meio social no qual ele estaria fadado ao aprisionamento identitário. E é assim que chegamos à gramática existencial do nosso jovem narrador: sim, é possível o pranto se metamorfosear em grito de obstinação, de alegria, de resiliência (Tenório, 2013, p. 1).

Não tenho dúvida de que gosto tanto deste livro porque ele ampara a sua história na tristeza. E isso não significa que seja uma história que não tenha muitas insurgências, e principalmente, muita vida. Há muita potência de vida em ser triste. Também não tenho dúvida de que o livro me afeta tanto porque de alguma maneira – e falo isso absolutamente ciente do meu lugar de fala enquanto uma mulher branca, sem a experiência de uma periferia – me identifico com João. Em algum momento, as vias identitárias, pelas linhas da interseccionalidade, me ligam ao João e fazem com que eu perceba no sofrimento dele, e especialmente nas insurgências da vida que saem de uma parede de concreto, aquele germen que só pulsa em quem tem uma infância triste.

“Foi mais ou menos ali que eu comecei a perceber a ousadia dessas pessoas que peitaram o decreto que os genitais lançam sobre nosso corpo, decreto que determina, antes mesmo de a pessoa nascer, as fronteiras até onde ela poderá ir” (Amara Moira *et al.*, 2017, p. 30). Não sei se a nossa tristeza vem do decreto biológico, das instituições como a religião, a família, a educação, ou de um misto de tudo isso, mas sei que ela tem um papel importante na constituição de alguém que está fora da norma, e que muitas

---

<sup>5</sup> TENÓRIO, Jeferson. *O beijo na parede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

<sup>6</sup> TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele – Vencedor Jabuti 2021*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

vezes é por meio desta tristeza que é possível produzir a escrita, as histórias, a poesia, a música, a arte.

Quando João diz que “é preciso discordar da vida, e para isso existe a tristeza” (Tenório, 2013, p. 59), sinto que alguém entendeu a criança que eu fui, a adulta que eu sou, que ainda fica triste quando percebe que a vida se apresentou de uma forma que é impossível concordar. Tenho muito medo de romantizar essa discussão quando digo que há beleza também na tristeza, ou ainda, desconsiderar o contexto de sofrimento que toda a comunidade LGBTQIA+, os negros, os pobres, todas as ditas minorias desse país, vivem. E considero necessário reafirmar a minha posição de luta para que ninguém precise morrer para que se salvem outros. Mas aqui, eu gostaria de compreender a tristeza e o fracasso como o entendimento de que algo precisa mudar, como a não conformidade, como a chave para uma virada possível.

Basta pensar, por exemplo, no interesse do capitalismo, das grandes indústrias, das grandes mídias, em que não se fique triste, na hipermedicalização da vida e de todas as emoções e sentimentos, na afirmação de que é necessário ser feliz para viver – ou seja – para produzir. A tristeza, então, contrapõe-se à compulsória ideia de que é preciso não discordar da vida e aceitá-la como ela é, ou como naturalmente ela se apresenta, para ser feliz.

É constante a prerrogativa de que é preciso aceitar as leis da natureza para estar em consonância com ela. Quais são as leis da natureza? Pergunto-me ainda, por sempre pensar que a minha natureza, a de uma mulher cisgênero que por muito tempo foi compulsoriamente heterossexual, sempre me colocava nesta condição de não cumprir o papel que me havia sido imposto e que, portanto, tal natureza não parecia me querer totalmente feliz. E por este motivo, me permitia discordar dela.

A contraprodução, a tristeza, vem na contramão do que os coachs de vida dizem, porque é sim necessário estar triste. E avisei no início desta escrita que talvez ela fosse pessimista, mas é porque eu não acredito na construção de brechas possíveis se elas não passarem pelo choque com a realidade: que é concreta e cruel, que mata, que aniquila, que esconde, sufoca, deixa triste: “períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis” (Suely Rolnik, 2019, p. 21).

Portanto, fica aqui um manifesto pelo direito de estar triste, ainda que a alegria seja uma forma política de encontrar com a vida. Penso que só sabe a potência da

alegria quem já viveu, pelo menos por alguns segundos, a indignação de estar triste. A indignação de, por meio da tristeza, convulsionar pela dor de não estar dentro da norma que admite o direito ao gozo somente para quem obteve sucesso no jogo cruel do cis-hetero-branco-capitalismo.

“Onde há nação, há brutalidade, e onde há brutalidade nós somos o alvo” (Mombaça, 2021, p. 15). Nesse sentido, parece-me que há na tristeza das crianças queers deste país, e em todas as formas como elas autorizam-se a manifestar as suas tristezas, a tentativa e a esperança de uma construção de tristeza, e por consequência, de contradição e estranheza coletivas. Quando dizemos a uma criança queer que ela não deve ficar triste porque não há motivos, estamos não apenas sendo insensíveis, mas também anulando a possibilidade da discordância da vida, que é necessária.

Creio que, ao conseguir não somente encarar a tristeza coletivamente, bem como estar, ou ainda, ser triste coletivamente, talvez seja possível experimentar um devir-vida coletivo que não é ensinado na escola e que temem que seja conseguido, pois é potente demais para um país que propõe a morte para a manutenção da ordem.

A tristeza é reprimida com muita naturalidade, sem culpa e sem reflexão. Afinal, reprimir a tristeza coloca diretamente na posição de não precisar lidar com seus incômodos. Acontece que, para nós, crianças – e agora adultos – queers, a tristeza nunca foi uma opção; ela é compulsória na medida em que se entende a incapacidade de conformação e de adequação àquilo que é apresentado como as leis da natureza. A insensibilidade e a vontade de normalidade buscam aniquilar até mesmo a nossa tristeza. “O medo de sofrer violência, primeira coisa que me ensinaram, a primeira coisa que ensinam uma criança a temer, era muito maior do que a vontade de descobrir quem eu era” (Moira *et al.*, 2017, p. 22).

Quando impedem a tristeza, impedem também o que se produz com ela. E há formas de ser e estar triste que, como “O Beijo na Parede” evidencia, mostram que é somente depois de muito estar triste que a concretude de uma parede gelada pode ensinar a beijar. Enquanto João treina formas de beijar meninas em uma parede de concreto, ele demonstra como fracassados ensaiam os sucessos na vida: insurgindo, mas ainda assim acreditando que é possível, que há potência, que a vida não pode se reduzir ao que foi apresentado do mundo. E isso não significa que João beijava triste, mas que João inventou seu próprio jeito de beijar. Da mesma maneira, não significa que beijos e vidas queers são tristes, mas que é necessário inventar novos jeitos de viver e beijar, e lutar pela visibilização desses novos modos para que sejam possíveis e legítimos.

Ao contrário do que possa parecer, eu acredito muito na alegria. Acredito na sua potência produtora, na sua forma de fazer e estar ativo e ativa politicamente. Eu também acredito que a alegria é o melhor modo de enfrentar toda a onda de violência psicológica, física e institucional que se impõe sobre as existências queers. Só não acredito que seja possível para Joãos, Malus, Moiras e Mombaças atravessarem suas existências sem experimentar a potência do fracasso, da tristeza e da alegria concomitantes ao ato de fracassar.

Primeiro, porque a sociedade está toda montada e amparada tecnologicamente para que sejamos esse fracasso e para que os outros, os não queers, tenham sucesso; e segundo, creio que, para a nossa salvação, é preciso sentir a potência de ser exatamente tudo aquilo que não queriam que fôssemos. “Para cada pessoa cisgênera que olha a si e se vê como norma, e assim olha o mundo e o vê como espelho, deixo o seguinte recado: nós vamos desnaturalizar sua natureza, quebrar todas as suas réguas e hackear sua informática da dominação” (Mombaça, 2021, p. 26).

Jota Mombaça é muito dura, mas também muito assertiva quando lança a frase acima. Desnaturalizar a natureza é algo que só pode ser feito quando se estranha ela, se discorda dela, e, como disse João, é para isso que existe a tristeza.

### **Vida e Morte**

É redundante, eu sei. Mas é preciso afirmar redundantemente, e muitas vezes, que é necessário sempre criar uma outra vida. Uma vida não cafetinada, não colonizada, não enquadrada; uma vida que tenta, de muitas maneiras, escapar de todas as formas de aprisionamento que subjetivam as existências contemporâneas, para simplesmente serem vivas.

Um mundo que não dá espaço e nem vez é um mundo que obriga a não viver, mas a resistir o tempo todo. A resistência que se estabelece como compulsória, muitas vezes cansa, exaure e coloca na posição de estar sempre alerta: é sempre dado que algo pode acontecer, vindo de qualquer lado, de qualquer pessoa, de qualquer instituição maior que se diz defensora da ordem pública, da família, da pátria.

Essa resistência compulsória obriga a viver não por ou para, mas apesar. E, por um lado talvez mais genuíno, correndo o risco novamente de romantizar sofrimentos, ela também faz sentir alegria muitas vezes, pelo simples fato de estar vivas. Sobreviventes queers de infâncias fracassadas, crianças que sobreviveram às suas famílias, às suas escolas, às suas igrejas. E, não fosse o fato de muitas não

sobreviverem, eu ousaria dizer que está aí a potência da infância queer: sobreviver apesar de, e para reinventar: “não é na plenitude ontológica, mas na multidão de estilhaços que se produz a possibilidade de um outro modo de existência em conjunto” (Mombaça, 2021, p. 23).

É justamente nessa indefinição que acredito ser possível encontrar a brecha para a criação da vida, de uma outra vida, de um devir vida não aprisionado ainda. É ali, quando na infância começa-se a entender os muitos jogos de subjetivação e se estranha o fato de tais jogos não estarem totalmente condizentes com o que há em mim, com o que ainda quero ser, com o meu corpo, com as meninas e meninos que me são ditos como aqueles dentro desses jogos – é nessa estranheza que pulsa a partir da normalidade apresentada, que se começa a construir um outro modo de vida, potente e salvador. “A cultura queer faz o papel da ruptura como substituição quando a criança queer sai da linha de montagem da produção heterossexual e se vira na direção de um novo projeto” (Halberstam, 2020, p. 112).

As corporalidades desviantes, os desejos desviantes e as tentativas de homogeneizar as vidas, os corpos, desejos e subjetividades fazem-se, desde o nascimento até o último minuto de vida, tentativas de dominação. É preciso sempre, antes mesmo de tomar o café da manhã, vestir a túnica colorida da resistência ao enclausuramento em preto e branco, e iniciar novamente as tratativas com essa linha de montagem de produção heterossexual, fugindo a todo momento das suas ferramentas e artimanhas, que não são apenas concretas, mas também subjetivas, veladas, delicadas e muitas vezes até imperceptíveis.

Nessa fuga, os tombos são recorrentes. Quebra-se braço, perna, dentes. Corta-se, na tentativa de que, ao escorrer o próprio sangue, surjam novas peles. Na tentativa de não reconhecer no próprio sangue a continuação desta linhagem familiar e social que impõe levar a família adiante, procriar, estar sempre dentro da linha de montagem. Às vezes, despedaçando-se, é possível juntar os cacos e surgir de novo, outras vezes, o despedaçamento é grande demais e leva também a esperança, a coragem, a própria vida. Importante sempre escrever isso porque eu não considero justo que alguns precisem despedaçar-se para viver, enquanto outros sempre estiveram completos, inteiros, no alto dos privilégios que a heteronorma pretende garantir.

Gosto de nomear o privilégio, a norma, e considero importante colocar neles a impossibilidade de vivência plena. Nesse sentido, nomear a heteronormatividade, o capitalismo, o patriarcado e todas as formas de subjetivação e dominação que se

interseccionam para tentar aniquilar é uma forma não de ameaçar, mas de afirmar que se sabe exatamente com quem e com o que se está lidando, e que a luta deve continuar até que os privilégios sejam partilhados.

“Nomear a norma é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora” (Mombaça, 2021, p. 76). É óbvio que a afirmativa de nomear a norma e a insistência em falar de nossas mortes e de nossas vidas ameaça, amedronta. É óbvio que o homem branco no alto do seu privilégio hetero tem medo de precisar olhar para a sua posição de escravizador, homofóbico e cúmplice de tantos assassinatos, e com isso, precisar reparar seus erros históricos e, ao mesmo tempo, tão contemporâneos.

É nesse contexto que surgem todas as formas de rechaço e de defesa da moral e dos bons costumes, desde a ideologia de gênero até o kit gay nas escolas e a pedofilização dos banheiros unissex. “Autodefesa não é só sobre bater de volta, mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para quando fugir for necessário. É também sobre aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas” (Mombaça, 2021, p. 80).

Todas as tentativas desesperadas de patologizar, criminalizar nossas vidas e manter a ordem hetero-machista-capitalista que admite somente esses seres normais como cidadãos de bem. E aqui vai um recado: tenham medo! Enquanto houver criança, adulto, idoso, qualquer vida que seja queer, nós não vamos parar. Tenham medo de precisar lidar com os seus privilégios porque, a cada dia mais, enquanto houver democracia, nós vamos estar em cada entrelinha deste projeto do nosso genocídio, arquitetado aos nossos olhos na tentativa de nos intimidar,

Às pessoas heterossexuais, cuja heterossexualidade é contínua ao regime político de homogeneização sexual, extermínio dos desejos subnormais e genocídio das corporalidades desviantes, eu gostaria de dizer: nós vamos penetrar suas famílias, bagunçar suas genealogias e dar cabo de suas ficções de linhagem (Mombaça, 2021, p. 75).

É preciso lidar da mesma forma com que lidam conosco: com a certeza de que vão nos fazer recuar, sempre. E não há nada mais violento do que a vida. Se estamos defendendo e lutando pelas nossas vidas, precisamos fazê-lo com a mesma veemência com que tentam nos matar. Trata-se de um tratado pela vida e pela morte, de um combinado que há muito fizemos, quando nascemos e quando morremos, de não nos

deixar matar. E é por não nos deixarem matar que vamos viver. É nesta linha muito tênue entre um iminente assassinato e a alegria de ter sobrevivido que aprendemos a ser quem somos, que construímos um outro modo de vida capaz de escapar das pegadinhas do hetero-controle, e das nossas próprias.

Já não somos mais obrigadas a fingir, a tentar adequação, a sabotagem dos armários. Chutamos as portas há algum tempo, e por isso morremos cada vez mais, mas também vivemos, lendo, escrevendo e lutando por meio da produção do conhecimento. Depois do chute, já não pertencemos ao combinado dos normais, ao regime político vigente, à grande família. Depois do chute, criamos a nossa própria vida. Como os vagalumes que têm fogo e luz próprias, mas que só são vistos quando em conjunto. Depois do chute, somos as vidas que querem matar, mas que não morrem, porque, da mesma forma que não vivemos mais do mesmo jeito, também não morremos assim: “que nossos corpos partidos encontrem extensão e órgão uns nos outros e nas coisas - nas flores, na terra. Jamais fomos humanas e por isso podemos ser flor e merda e sagradas” (Mombaça, 2021, p. 115).

### **Por fim, narro-me: sobre ser uma menina - carta aberta às meninas/mulheres queers**

Esta é a história de uma das autoras deste trabalho, que permito-me contar na primeira pessoa, como uma escrita assim pede e merece. Conto a minha história. Conto-a eu mesma, porque só eu posso narrá-la da maneira que ela acontece: quem eu sou, o que me afeta. E conto-a também por que, muitas vezes, acreditei que não era digna de ser escutada, ou ainda, que minha existência não era importante para este mundo que não tem vergonha de escolher as histórias das pessoas que quer contar.

Hoje eu sou uma mulher, lésbica, psicóloga, pós-graduada, mestranda, pesquisadora e professora. Gosto de me apresentar assim, especialmente na academia, porque todos esses adjetivos depois da palavra “lésbica” foram, e muitas vezes ainda são negados para mulheres como eu. Gosto de me apresentar assim porque ainda se pensa que a academia não é lugar para mulher como eu, que a Psicologia não é para mulheres como eu. E, embora e surpreendentemente, hoje eu seja tantas coisas, já fui menina. E apenas menina. Não que ser menina seja pouca coisa – em um país onde a pornografia infantil é líder nos sites de busca pornográfica, ser criança e menina é uma complexa trama de intersecções violentas, especialmente para as meninas pobres e negras.



Gosto de contar minha história com fantasia, mas também com fatos. Em uma das aulas do mestrado, ouvi de um professor: “autonarre-se. Se vocês não contarem a sua história, alguém a contará por você”. Enquanto mulher lésbica, pesquisadora, psicóloga e pessoa queer que sou, não posso abandonar a menina que fui. A criança que fui. Mas o que é, afinal, ser uma menina? O que é, afinal, ser vista, percebida, tratada e respeitada como uma menina? Especialmente neste país que ainda acredita que meninas nasceram para ser princesas, mães, esposas, delicadas e quietas?

Não quero abordar aqui a questão da garantia de direitos, de segurança, de educação, de não violação: é evidente que toda menina e toda criança necessita ter seus direitos básicos garantidos, viver em um ambiente acolhedor, com acesso à comida, à higiene, à educação, à cultura, à cidadania, à sua história, e também receber amor, cuidado, amparo e proteção. Mas aqui, gostaria de ir um pouco além. Como podemos, enquanto sociedade, garantir que ser menina seja sinônimo da garantia da integridade e integralidade do ser? Como podemos garantir, enquanto sociedade, que cada menina tenha o direito de construir e de contar sua própria história da maneira que desejar e como lhe fizer sentido contar?

Citando uma das meninas brasileiras que está hoje buscando contar sua própria história, Jota Mombaça diz que “não é justo que somente nós que assumimos como ética da existência a desobediência à normalidade social ou que simplesmente estamos mal posicionadas no ranking dos direitos humanos dos humanos direitos” (Mombaça, 2021, p. 73) tenhamos de enfrentar a impossibilidade de contar nossa própria história ou de deixar que outros a contem por nós.

Há, no fato de ser menina, uma compulsória necessidade de insurgir: ao se afirmar como menina, automaticamente tem-se a afirmação do não pertencimento ao eixo masculino e patriarcal de dominação. Então, por si só, o fato de narrar-se enquanto uma menina é a própria resistência e insurgência no mundo colonizado e capitalizado. Assim, para mim a questão é: de que modo é possível garantir às meninas o direito de fazer da insurgência do ser menina o direito incontestável de ser, além disso, muitas outras coisas?

Citei anteriormente a fantasia porque a vejo como uma possível pista para contar nossas próprias histórias. Quem nunca se imaginou sendo o que realmente gostaria de ser e viveu naquela fantasia uma forma de resgatar um pouco de dignidade? Na fantasia, para meninas como as que eu fui, há a possibilidade de reinvenção de si e, por consequência, da reinvenção do mundo.

Na minha fantasia, antes de dormir, quando eu me deitava sozinha no silêncio do meu quarto, eu me imaginava sendo um menino. Isso nada tinha a ver com o meu corpo ou com alguma admiração pelo gênero oposto, mas com o que me diziam que os meninos podiam fazer – como eles eram corajosos e conquistadores, com um poder sobre o mundo que eu, como menina, não poderia ser ou ter.

Além disso, eles podiam coisas banais: usar cabelo curto, andar sem camisa, beijar outras meninas, jogar futebol. Esses eram atributos que me faziam desejar ser um menino. Só depois percebi que eu não queria ser menino – tudo bem se eu quisesse – mas eu queria ser uma menina que pudesse contar a própria história, sem ser desvalorizada, desrespeitada, desamparada, desintegrada, e sem estar restrita a um seleto grupo de meninas de sucesso.

“A reimaginação do mundo e das formas de conhecê-lo, implica também tomar-se capaz de conceber resistências e linhas de fuga que sigam deformando os modos do poder através do tempo” (Mombaça, 2021, p. 68). A fantasia, então, pode ser a resistência de muitas meninas que estão à beira de se tornarem o que não desejam ser. Elas constroem seus próprios mundos e encontram neles a dignidade para viver suas próprias vidas.

Educação, mídia, religião e família são instituições que organizam a sociedade e regem formas de dominação, moldando o mundo e capturando desejos, identidades, pessoas. Ser uma menina que gostava de jogar futebol, andar sem camisa e usar o cabelo curto obrigou-me a contar uma outra história sobre mim mesma, diferente daquela que todos esperavam que eu contasse, e que já haviam até mesmo escrito por mim. Essa nova história inclui as brechas que só são possíveis pela fantasia, as possibilidades de insurgência que somente os livros da biblioteca da escola pública podem proporcionar, e os respiros que o futebol na educação física, mesmo que jogado com os meninos, pode oferecer.

Mas essa história, na medida do possível, só foi reescrita porque eu pude reencontrar esses respiros para me autonarrar como uma outra menina. E essa escrita faz um pedido a todos os adultos que, assim como eu, se sentem em dívida com todas as meninas que desejam simplesmente poder ser: construam mecanismos e ferramentas nas escolas, nas famílias, nas histórias, para que essas meninas se sintam representadas pelo que são, da forma que são. Com seus cabelos curtos, com suas coragens, com seus desejos e planos de serem cientistas, jogadoras de futebol, prefeitas, esposas, mães, domésticas. Construam pontes – fantasiosas e concretas – que conectem o que eu quero,

o que eu posso e o que eu sou. Construam o viaduto que liga outras e novas formas de ser menina com a educação, com a família, com a comunidade e com a academia.

Quando Simone de Beauvoir disse sua célebre frase de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”<sup>7</sup>, ela estava falando de mim, de nós, das meninas que hoje tentam tornar-se sujeitas de si mesmas. De meninas que necessitam, antes de qualquer coisa, destruir o que contaram sobre elas, para elas e por elas, para então, se tornarem.

“Então olho a história do meu nome, deste corpo, dos gêneros que por ele passam, e me perco no exercício poético e político de dar conta da quebra que me atravessa, desmonta e, paradoxalmente, viabiliza” (Mombaça, 2021, p. 26). Ser menina é sobre viabilizar, enfim. É sobre viabilizar, por meio de muita fantasia, a vida possível na concretude que muitas vezes nos assola. É sobre quebrar paradoxalmente no meio para finalmente constituir-se como inteira. É sobre usar a ancestralidade de muitas outras mães, irmãs, companheiras e resistentes para ressoar e entonar juntas: nossa existência é política, é poética, é cartesiana e devir, é o fracasso de todas as formas de violência que o modelo patriarcal e machista de sociedade nos impõe, é a transgressão compulsória dos aparatos controladores de gênero, e, por fim, é também sobre simplesmente ser, que é quase nada, e ao mesmo tempo, tudo o que podemos.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FAVERO, Sofia Ricardo. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2020.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

MOIRA, Amara *et al.* *Vidas trans: a coragem de existir*. São Paulo: Editora Alto Astral Ltda, 2017.

---

<sup>7</sup> Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, 1989.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana. (Org.). *Próximo ato: Questões da Teatralidade Contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 33-37.

POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2016.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

TENÓRIO, Jeferson. *O beijo na parede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

Recebido em abril de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.